

INTRODUÇÃO

Este texto recolhe uma breve meditação de Padre Divo Barsotti, proferida no dia 6 de maio com o título de “O mistério da nossa Ascensão”. Divo Barsotti é, sem dúvida nenhuma, um dos místicos mais significativos do século XX. Com seus ensinamentos foram saciadas muitas gerações de católicos e pessoas em busca de um sentido para a sua vida. Estamos felizes de poder oferecer este texto numa versão eletrônica para todos aqueles que querem usufruir dele para a própria edificação pessoal.

TEXTO

A Ascensão é um mistério muito importante na vida espiritual do cristão porque é a Festa que apresenta o objetivo da nossa própria vida e, por isso, ordena, de alguma forma, o nosso caminho.

Também a nossa vida espiritual é uma ascensão, um caminho não tanto através do deserto, não tanto uma ascensão ao Sinai, quanto uma ascensão ao Céu, com Jesus. O objetivo do nosso caminho não é mais uma terra além do Jordão, e não é mais o cume do Sinai, é o próprio Seio do Pai, é o Céu, onde Deus se manifesta, onde nós viveremos na visão de Deus.

Moisés sobe ao Sinai para falar com Deus face a face, como um amigo costuma falar com um outro amigo, diz o Livro do Êxodo. Mas para encontrar-se com Deus, deve ir além das nuvens, de um modo a tornar-se invisível e escondido aos olhos do povo. Moisés vai além da nuvem e Jesus faz o mesmo. A nossa ascensão a Deus implica um escondimento de nossa parte, o nosso desaparecimento. Quanto mais o homem se dirige para Deus, tanto mais se esconde na humildade.

Jesus está presente entre nós, a Ascensão não o deixou afastado. *Eu estarei convosco até a consumação dos séculos*. Jesus está conosco, e não somente como Deus, mas também como Homem. A sua Humanidade ressuscitada da morte está conosco. Ele vive com o homem, na verdade, vivendo com o homem, e vivendo com o homem na glória que lhe pertence como o Filho Unigênito. Ele permanece escondido a todo olhar: a sua Ascensão gloriosa o subtrai da nossa vista. Na medida em que esta Humanidade se torna participante da vida divina, das propriedades próprias da Divindade, esta Humanidade se esconde, torna-se invisível. Não é que Ele não viva, mas se subtrai a nós de modo a não mais viver conosco, não, Ele vive e é, pelo contrário, a vida do mundo. Ele vem e mora entre os homens, mesmo que ninguém o descubra, mesmo que ninguém o veja, escute: neste silêncio Ele vive! Em um silêncio assim Ele permanece escondido.

Assim a vida humana: quanto mais a alma se eleva, na medida em que se eleva, entra na nuvem; na medida em que a alma se eleva para Deus, subtrai-se das experiências sensíveis; na medida em que a alma entra em comunhão com Deus, ao mesmo tempo, praticamente se dissipa diante dos olhos dos homens.

Quanto mais uma alma é santa, tanto menos se pode dela falar; dos maiores santos se pode dizer bem pouco. Bem pouco se pode dizer da própria Virgem Maria, a Santa dos Santos; mas pouco se pode dizer também de São João da Cruz e de Santa Teresa do Menino Jesus. Eles viveram constantemente na luz de Deus, e a luz de Deus os envolve e os esconde. A divina Presença subtrai estas almas de toda relação com as coisas: não vivem mais na superfície, mas estão mergulhadas no Abismo. Como o mar: agita-se na superfície, mas no profundo permanece imóvel. E a alma é assim também.

Quanto mais a alma vive em Deus, tanto mais se recolhe, se faz una, e tanto mais também a multiplicidade dos atos diminuem, e diminuem todas as sucessões do tempo nas realizações, nas missões, nas atividades, tanto mais se reduz a multiplicidade das relações: a alma não vive mais que um somente ato, a adoração e o amor.

É a unidade e a simplicidade desta vida, todo dia maior, que nos esconde aos olhos dos homens, que torna a nossa vida insignificante aos olhos humanos, mas cheia de Deus no íntimo. E então o empenho da nossa vida é um empenho de simplificação, de unidade. A alma deve sempre mais recolher-se em Deus e nele morar. E quanto mais mergulha em Deus, mais a alma adquire a potência de amor por meio da qual pode abraçar todas as coisas sem afastar-se do centro. Quando nós pensamos que o nosso amor para com os homens deve manter-se em uma contínua relação com eles, no fundo não compreendemos como efetivamente nós podemos eficazmente amar os homens somente se entramos em Deus, se buscamos mergulhar em Deus.

Nós cremos que o amor para com os outros seja medido pelo fatigar-se em uma atividade múltipla, pelo fazer um monte de coisas, não sobrando até mesmo o tempo para a oração; fazer isto, fazer aquilo, ter sempre em mente uma multidão de pessoas. A alma, ao contrário, age de fato no coração do homem à medida em que mergulha em Deus. A capacidade e a eficácia do amor são tão maiores no homem quanto mais o homem se recolhe em Deus. Não devemos pensar, portanto, que a solidão do contemplativo seja uma solidão que subtraia o homem da comunidade: torna-o, ao contrário, capaz de agir ainda mais no seio da comunidade, porque entra no coração da comunidade. Aquilo que dizia Santa Teresinha do Menino Jesus está também teologicamente correto: ela, que é contemplativa, percebe que está no coração da Igreja. Os apóstolos podem ser as mãos, mas o coração é a alma mergulhada em Deus, que parece, desta forma, não ter relacionamento com os homens, mas que, na verdade, age neles porque nela vive o próprio Deus.

No homem age somente a graça, é eficaz somente a ação de Deus, que não se exercita de fora, mas do íntimo; não nos transforma, não nos modela de fora, mas do íntimo. E assim o Santo. O Santo quanto mais está mergulhado em Deus, tanto mais pode exercer uma atividade sobre toda a Igreja. Atualmente, podemos dizer que é menos eficaz a vida, o exemplo, o ensinamento de São Francisco Xavier, do que o ensinamento de um São João da Cruz, de um homem que durante toda a sua vida buscou subtrair-se de toda obra humana para viver

em Deus. Praticamente, o que nos diz hoje a vida de São Francisco Xavier? Lê-se voluntariamente como um romance, e lendo-a podemos sentir-nos impelidos a um zelo apostólico, mas no fundo sentimos que a sua vida, com tantas aventuras, é difícil de viver, e permanece para nós como um belo romance. É interessante para a imaginação, para a fantasia, por ter um certo espírito de aventura... isso é verdade, mas a nossa alma está interessada, está unida da mesma forma como à leitura das obras de São João da Cruz, como ao exemplo de sua vida? E isto é verdade também para santos como Santa Teresinha do Menino Jesus e São João Bosco.

Estas almas, que pouco a pouco se estabelecem em Deus e que simplificam e unificam a sua vida em uma busca de Deus, em uma ascensão da alma que leva a Deus, escondem-se aos olhos dos homens, subtraem-se das tarefas humanas, mas agem mais eficazmente no coração do mundo.

Assim é o caminho da alma, se é um caminho que nos esconde para que nos faça entrar na luz, em uma luz que nos envolve, a luz divina que verdadeiramente é inacessível ao homem e que é verdadeiramente treva para os olhos carnis. Ascendendo a Deus nós nos escondemos, mas não nos subtraímos, antes, como Jesus, tornamo-nos o princípio e o coração do mundo, princípio de vida, fonte de eficácia, de renovação e de transformação dos homens.

Viver na Presença de Deus! Viver nesta luz que não somente esconde o Senhor, mas esconde também a alma que permanece n'Ele. Isto não quer dizer que não devemos empenhar-nos também em certas atividades que possam tornar mais fácil, antes possível, este nosso habitar na luz do Senhor. É certo que uma alma, não digo dissipada, mas um pouco dispersa, como todos nós somos, tem necessidade de vários exercícios e de várias atividades para que a sua vida permaneça ordenada a Deus e seja uma ascensão ao Senhor.

Devemos viver, então, uma busca de Deus que nos estabeleça n'Ele, que n'Ele unifique as nossas potências, simplificando o nosso viver de tal modo que não falemos ou não pensemos mais nada que não tenha uma relação com Ele, de forma que toda a nossa vida seja colocada a serviço de Deus, de forma que nenhuma atividade multiplique os nossos interesses, mas acima de tudo unifique e simplifique toda a vida, e faça um caminho para Deus, um caminho de ascensão por meio do qual a alma se subtrai da multiplicidade e da sucessão dos atos para reduzir-se somente à contemplação de Deus, à visão de Deus, a um ato de adesão pura e total ao Senhor.

Eis como a alma viverá o mistério da sua ascensão, de uma ascensão que tanto mais é real quanto mais nos subtrai da dispersão, da multiplicidade, que quanto mais nos subtrai aparentemente dos homens tanto mais nos esconde no Seio de Deus. A vida mais plena é a vida mais escondida; a vida mais plena é a vida mais profunda, a vida que na profundidade de uma paz imensa não conhece sucessões e vive a sua adesão a Deus.

Vivamos, busquemos viver a Ascensão do Senhor impondo-nos eliminar aquilo que na nossa vida não serve, que não é imediata resposta, que se subtrai

a este empenho da alma de buscar a Deus e de responder-lhe, de O seguir e a Ele se elevar.

Eliminar e esconder-se. Assim, a finalidade da vida cristã é sempre uma vida eremítica. Não tanto porque na realidade alguém possa ser um eremita, não neste sentido, mas no sentido de que se nos impõe sempre como ideal o esconder-se na luz infinita, este verdadeiro perder-se da alma na luz de Deus. Esta é a nossa finalidade, porque esta foi a finalidade de Jesus que, mesmo morando entre os homens, hoje é totalmente invisível; mesmo sendo a vida do mundo, está escondido e silencioso. Todos parecem viver mais do que Ele; todos aparecem, mas Ele está escondido; todavia, Ele vive no meio de nós como a vida do mundo, como o coração da realidade.

O mistério da nossa ascensão é uma participação no Mistério da Ascensão de Jesus. Não importa para nós somente o esconder-nos: quanto mais nós ascendemos, tanto mais entramos na nuvem, escondemo-nos aos olhos dos homens, tornamo-nos invisíveis como Jesus, presente entre nós, mas invisível. O mistério da nossa ascensão quer dizer perder-nos na luz, mergulhar na luz de Deus.

O mistério desta ascensão não se opera somente em um nosso progressivo escondimento, em um nosso progressivo mergulhar no silêncio para viver somente diante do Rosto do Pai: quer dizer também ascender, subir. Nós participamos do Mistério da Ascensão se em nós vive esta aspiração constante, este desejo sempre novo e sempre mais forte, sempre mais vivo, de buscar a Deus, alcançá-Lo. É necessário que em nós haja esta sede, este desejo de Deus.

Ascender quer dizer superar-se continuamente, transcender continuamente a perfeição, o grau de santidade que tivermos alcançado. Nós não podemos parar. E se ascender quer dizer superar-se continuamente e continuamente transcender-se, quer dizer também viver em uma contínua novidade interior, uma novidade que não é determinada pela mudança dos lugares e das relações humanas – todos nós sentimos o peso de um trabalho constante, cotidiano, a monotonia de uma vida que não conhece novidade. Não é uma novidade exterior a que nos leva em uma ascensão contínua para o Senhor. A ascensão que nos leva a Deus é um caminho direto, que tem uma só direção, e nós só ascendemos enquanto nos mantemos nesta única direção.

São João da Cruz, no início da Subida ao Monte Carmelo, diz que o único caminho que nos leva ao topo é o caminho do nada. Se a alma quer mais coisas, ela se volta de novo à multiplicidade: ao invés de subir, desce, espalha-se, dissipa-se, dispersa-se.

Ascender a Deus quer dizer sim superar-se e transcender-se continuamente, mas mantendo a alma em uma só direção no próprio caminho. Existe então, nesta transcendência, nesta superação contínua, alguma coisa fixa, imutável: a direção, a constância de tender para uma só meta, que é Deus, a constância de querer uma única coisa, ou melhor, de querer a Ele, Bem supremo da alma. Fixos neste desejo da alma, o que deve ser renovado em nós é a força, a intensidade do desejo, da fome e da sede de Deus. Devemos todo dia crescer

mais neste desejo, nesta aspiração. Não podemos contentar-nos com o local em que estamos: Deus está ainda infinitamente longe e distante.

Que todo o nosso caminho terrestre seja uma ascensão contínua! Somente assim participamos do Mistério da Ascensão de Cristo. Recordemos que o homem de fato não vive parado, fixado imutavelmente diante da Presença a não ser quando passar da vida presente à vida futura, quando, afinal, para o homem todo tempo já tiver passado para sempre. Uma vez que vivemos no tempo, o tempo tem uma só justificativa para nós: é a condição de um contínuo ascender. Uma vez que vivemos no tempo, agora, toda a nossa vida não deve ser outra coisa que um só caminho que nos aproxima todo dia mais do Senhor.

Nenhum outro caminho nos aproxima mais do Senhor que o amor. Não é a mudança de trabalho, não é o estabelecimento de novos exercícios de piedade, de mortificação, novos atos de obediência: não é por meio disto que o homem se aproxima de Deus. O aproximar-se do homem a Deus, uma vez que o homem esteja verdadeiramente voltado ao Senhor, é determinado somente pelo crescimento em nós da divina caridade. As virtudes são necessárias enquanto impõem precisamente um redirecionamento de nossa natureza, curvada às coisas terrestres: já que nós não somos obedientes aos divinos mandamentos, mas estamos voltados para as criaturas e não para Deus, a Deus voltamos as costas. Já que caminhamos com o rosto não voltado para o Senhor, afastamos sempre mais d'Ele. Mas, uma vez que nós estamos voltados para o Senhor, uma vez que estamos orientados para Deus, aquilo que nos torna mais próximos de Deus e dia após dia nos leva para mais adiante em Deus, é somente o amor. É preciso que em nós cresça o desejo de Deus, é preciso que esta aspiração se faça cada dia mais viva. Estamos nós verdadeiramente vivos neste desejo de Deus? Desde o princípio deste caminho que tomamos em direção a Ele, está agora mais vivo ou menos vivo este desejo de Deus em nosso coração? Participar do Mistério da Ascensão de Cristo quer dizer deixar-se consumir por este fogo, quer dizer ser de tal forma tomado pelo fogo do Amor a ponto de sermos consumidos totalmente por Ele.

É preciso amar a Deus. Amá-lo. No amor não podemos encontrar repouso. O fogo não diz nunca que é suficiente, diz o livro dos Provérbios: o Espírito Santo e o amor por Deus igualmente não dizem nunca basta. Não porque se pede todo dia alguma coisa a mais, mas porque aquilo que se pede nós pedimos todo dia com força maior, todo dia mais tal exigência divina se impõe ao teu espírito e te instiga com uma força não somente nova, mas todo dia mais potente.

E é este amor divino que cresce no coração do homem, que não somente renova a nossa juventude como aquela da águia – segundo a expressão do Salmista – mas dá verdadeiramente à alma uma juventude sempre maior. É no princípio da vida espiritual que nós somos velhos, e é no fim que nós não somente somos jovens, mas iniciamos a nossa vida. Quando iniciamos o caminho como somos lentos, como é trabalhoso o proceder, como se avança com muito cansaço, como Deus aparece bem pouco em nosso coração, como nos

sentimos apáticos no responder a Ele! Mas, à medida em que caminhamos, como o amor de Deus nos atrai e torna mais veloz o nosso passo e mais livre a nossa adesão, e como faz mais violento o êxtase da alma! É como um imã que quanto mais se aproxima do objeto tanto mais o atrai para si. É aquilo que no fundo acontece no mundo físico, segundo as leis da gravitação: um corpo atrai o outro corpo na medida de sua grandeza e na medida que a este corpo o outro esteja próximo. Mas quanto mais então Deus atrai! Quanto mais Deus atrai a alma para si, tanto mais a alma d'Ele se aproxima. A exigência de Deus é esta atração divina que cresce cada dia vertiginosamente na alma. E é esta atração de Deus que determina o crescer em nós do amor e determina também o progredir desta subida, deste subir insistentemente da alma na perfeição, este aproximar-se da alma a Deus, que parece sempre mais afastar-se de nós para chamar-nos todo dia com uma voz sempre mais forte, com uma atração sempre mais potente.

É necessário viver esta contínua novidade do Espírito, esta adesão a Deus sempre mais forte, este amor, esta sede e esta fome de Deus sempre mais plena. Somente assim nós participamos do Mistério da Ascensão de Cristo. Somente assim.

Mas já que estas não são somente palavras, agora devemos dizer como viver esta ascensão a Deus, esta fome de Deus todo dia maior, este desejo de Deus todo dia mais vivo.

Para que Deus nos atraia e a atração de Deus verdadeiramente exerça na alma esta força da qual a Si Ele nos atrai com violência todo dia maior, é necessário que a força deste amor divino que nos atrai não encontre em nós um impedimento ao ser atraído. Isto é, em nós crescerá sempre mais o desejo de Deus, esta aspiração a Deus, na medida em que nós sejamos livres, soltos. Não que nós busquemos poder crescer no amor de uma forma como se isso dependesse de nós: o crescer no amor depende do amor de Deus que a Si nos atrai e atraindo-nos a Si torna sempre mais veemente o desejo da alma que a ele se dirige. Mas a eficácia deste amor de Deus, isto é, o poder de sermos atraídos, depende, no fundo, também de nós, do fato que o amor divino nos atraindo a Si não encontre em nós impedimento por meio de qualquer ligame pelo qual de fato não podemos ser tirados das coisas e conduzidos para fora e atraídos por Ele. Desta forma, no fundo, uma coisa nos pede o Senhor: que a nossa liberdade interior se torne cada dia mais plena, mais verdadeiramente pura – então o amor de Deus totalmente nos consumirá.

A quais coisas estamos ligados? A muitas coisas! E são as coisas às quais estamos ligados que impedem verdadeiramente a ascensão da alma para Deus. Tantas vezes nós sentimos esta aspiração a Deus, este chamado de Deus que a Si nos atrai, mesmo que todo dia o ouçamos e permaneçamos firmes, não ascendemos. Por que não ascendemos? O fato de sentir uma atração não é de *per si* amar a Deus, é o ato de amor pelo qual Deus nos chama. A nossa resposta é determinada pela liberdade da alma que pode mais ou menos responder a esta atração divina na medida exata em que a alma está mais ou menos livre, solta,

ou mais ou menos ligada. Assim, aquilo que se impõe, para alma, é a liberdade interior de todo ligame a nós mesmos: sem amor próprio, sem suscetibilidade, sem busca de nós mesmos, de ambições, de afetos, mas livres de tudo, de toda criatura, nem a riqueza nos deve atrair, nem a estima dos homens, nem qualquer coisa terrena. Somente Deus deve ser o nosso amor, somente a Ele deve voltar-se o nosso coração, somente a Ele deve querer a nossa alma. Na medida em que é total a nossa adesão ao Senhor, é absoluta a nossa liberdade das coisas, na mesma medida cresce em nós vertiginosamente o amor divino, porque o amor por meio do qual a alma ama o Senhor é exatamente o amor pelo qual Deus ama a alma: o amor em nós vive na medida em que somos amados. É exatamente o mesmo amor pelo qual Deus te ama e pelo qual tu O amas. Não são dois amores: a tua própria resposta ao amor divino é o amor que tu recebeste, pois que coisa recebes se não o amor quando Deus te ama? E é o amor a tua resposta de amor.

Então, que coisa fazer para viver esta participação na Ascensão de Cristo? É preciso a liberdade interior, é preciso estarmos soltos. Estamos verdadeiramente soltos? Estamos livres interiormente de todo ligame, ligame com toda a nossa vontade, com toda nossa aspiração que não tenha Deus por finalidade, que, ao contrário, não seja exclusivamente para Deus? Estamos nós libertos de todos os nossos pensamentos, de todas as nossas ideias, dos nossos programas e projetos? Estamos nós livres de toda nossa vontade ou desejo? Estamos nós livres de todas as nossas aspirações? Estamos nós livres?

É neste caminho que nós devemos trabalhar: soltar-nos, destacar-nos, libertar-nos. O desapego é a condição da subida. É inútil pensar em ascender uma vez que ainda estejamos ligados: uma vez que estamos ligados não podemos dar um passo. Não somente não podemos ascender vertiginosamente a Deus, mas permanecemos parados, não obstante que interiormente possamos sentir a força de Deus que nos recria, que bate às portas do coração para que o respondamos. E muito frequentemente nós confundimos aquilo que pensamos e sentimos (e que é a graça de Deus) com a nossa resposta, de forma que o sentir este amor de Deus, esta necessidade do coração, seja já considerado um responder a Ele, enquanto que é, ao contrário, um chamado, um chamado que espera uma resposta, e receberá resposta somente na medida que nós sejamos livres.

Esta, então, é uma imposição: destacar-nos, soltar-nos, não estarmos ligados a nada, não querer mais nada que Deus. Pode-se rapidamente dizer, eu sei, eu sei que não é tão fácil realizá-lo, mas exatamente por isso devemos empenhar-nos a realizá-lo, porque esta é a condição por meio da qual nós podemos amá-lo cada dia mais. Não nos iludamos: não são os nossos sentimentos que medem o amor a Deus, não são as nossas convicções, mas o real desapego, a real liberdade interior que a alma terá conquistado, é este estar liberto de tudo para ter uma pura disponibilidade diante d'Ele que nos chama.

Para a Ascensão é importante o nosso mergulhar sempre mais no seio de Deus, um afundar no silêncio, um esconder-nos na luz, como Cristo. Ele é o que

subiu ao Céu, mas subir ao Céu não quer dizer para Jesus estar afastado de nós. Ele vive conosco, mora conosco. Jesus já disse no Evangelho. Mesmo que nós não o vejamos. Ascender, para Ele, quis dizer precisamente entrar neste infinito silêncio que é o seio do Pai. Assim também a nossa vida: à medida em que nos aproximarmos de Deus, à medida em que respondermos a Ele e subirmos ao Pai, na mesma medida nós mergulharemos no silêncio e a nossa vida estará escondida. A vida mais excelente do cristão é sempre a vida mais pobre, mais simples, mais nua, toda abrasada e consumida por um único desejo, por uma única aspiração, por um só amor, por uma só paixão: Deus.

Já dissemos como a Ascensão de Cristo implica uma participação nossa neste Mistério, um progresso contínuo de nossa parte: ascender quer dizer não permanecer nunca no mesmo lugar, quer dizer superar-nos continuamente, e nesta superação contínua podemos viver uma contínua novidade. Não novidade exterior, porque de fato o homem permanece orientado sempre para uma mesma direção, tende sempre para o mesmo fim, não quer alcançar outra coisa que a mesma meta: Deus somente. E o caminho é um só: o caminho do nada, como diz São João da Cruz.

Nós nos superamos dia a dia, dia a dia nós transcendemos neste caminho que nos conduz a Deus, se cresce em nós o amor, se o amor por Deus se torna em nós cada dia mais vivo, mais exigente, mais forte, e mais veemente a aspiração por Ele, mais decidida a nossa fuga para o Senhor.

Mas o amor não pode crescer em nós por obra nossa. O amor permanece um dom de Deus, é uma virtude teologal que nós devemos implorar constantemente a Ele. Em nós o amor é vivo na medida em que Deus mesmo nos ama. Mas Deus nos ama infinitamente... porque nós não amamos da mesma forma? Porque não somos livres! Deus pode atrair-nos a Si e, todavia, esta atração tem a necessidade de encontrar-nos disponíveis à sua força. Destacar-se de tudo é a condição deste nosso crescer, deste progresso no amor que é o nosso caminho.

A meta deste nosso caminho é o próprio Deus. Que coisa diz o Evangelho a propósito da Ascensão de Jesus? São Marcos fala de Jesus que está sentado à direita do Pai. Este é o fim do homem: depois de tanto caminhar, o repouso, a paz. E a paz é Deus. *Festinamus ingredi in illam requiem.*

Quanta importância teve sempre a paz na espiritualidade cristã! A paz como sinal verdadeiramente de nossa pertença a Deus, ou melhor, de nosso possuir Deus. Porém, é verdade que nós, uma vez que vivemos sobre a terra, estamos em um perpétuo caminho, e que este caminho não terá outro final além do final dos tempos. Mas, todavia, é também verdade que a vida do cristão permanece uma vida paradoxal: vive-se no tempo e no tempo se vive a eternidade; nós nos revestimos de Cristo mesmo que já estejamos revestidos de Cristo; busca-se a Deus mesmo que já o possuamos. Por isso que no Mistério da Ascensão não é importante somente a participação num caminho contínuo de transcender-nos, é importante também a participação na paz de Jesus que está

sentado à direita de Deus, importa uma participação neste inefável repouso da alma em Deus, que agora é o próprio Jesus.

Também nós, como Jesus, devemos viver no seio do Pai, sentar à direita de Deus. Que coisa quer dizer para nós “sentar à direita de Deus”? A expressão é antropomórfica: nem Deus tem uma direita, nem vive sentado num trono. “Sentar à direita de Deus” é uma expressão metafórica. Mas que coisa quer dizer expressamente? Quer dizer repousar. É o imutável repouso da alma que encontrou a sua paz na posse de Deus. Indica precisamente este estado de imperturbabilidade, de impassibilidade, que é próprio da alma uma vez que alcançou o seu objetivo. Indica a posse. “A direita de Deus” indica uma proximidade extrema, indica a participação mais íntima na grandeza, na majestade divina: uma participação nos atributos de Deus.

Que coisa quer dizer para Jesus “sentar à direita de Deus”? Quer dizer que também na sua Humanidade Ele participa, de algum modo, de todos os privilégios que lhe são próprios como Filho de Deus (também na sua Humanidade, por quanto é possível à humanidade, seja inclusive a Humanidade de Cristo, porque também a Humanidade de Cristo permanece criatura, e por isso não pode ser infinita). Mas a participação de Jesus é a mais perfeita e a maior possível.

Eis as duas coisas que estão implícitas na expressão “sentar à direita de Deus”: a posse de Deus e, com a posse de Deus, uma participação à sua vida íntima e aos atributos da sua Divindade, um ser tão próximo, tão íntimo a Ele a ponto de estar associado à sua própria Glória.

Eu dizia antes que a vida cristã é uma vida paradoxal: é necessário que haja, ao mesmo tempo, um caminhar e o estar firme. É necessária uma fuga imóvel: a alma deve correr, deve subir, deve ascender e, permanecendo na sua paz, deve permanecer fixa no seu centro que é Deus.

Falamos antes deste caminho da alma, deste transcender-se contínuo da alma em uma ascensão que deve levá-la ao Senhor. Devemos agora tomar consciência de que não ascendemos realmente nem realmente podemos buscar Deus se já não o possuímos no coração. E possuímos a Deus no coração se temos a paz: a paz é verdadeiramente o sinal desta posse divina. Por isso, a paz tem tanta importância na vida cristã: uma certa paz, a paz *quae superat omnem sensum*, da qual fala São Paulo na Carta aos Efésios; a paz da qual fala São Francisco de Assis: *Pax et bonum*; a paz da qual fala São Bento: *Pax*. Parece que todos os mestres da espiritualidade tiveram uma mesma linguagem e viam na paz cristã precisamente a síntese de todos os bens espirituais dos quais a alma pode gozar.

Mas, antes dos mestres da espiritualidade cristã, é Jesus que nos fala da paz. Antes ainda de São Paulo é Ele que fala da paz e a oferta: *Pacem meam do vobis*. “Eis, eu vos dou a minha paz, dou-vos a minha paz, não como o mundo a dá”. Quantas vezes Ele fala desta paz! *Pax hominibus bonae voluntatis*.

A paz! Existe paz e paz, Jesus mesmo a distingue: a “sua” paz não é a mesma paz que dá o mundo. Que coisa é a paz de Deus a não ser o sinal de uma

posse divina? Que coisa, senão a imutável estabilidade da alma que finalmente encontrou o seu repouso? Diz Santo Agostinho: “Fizeste nosso coração para Ti e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti”. O repouso da alma é possível somente quando a alma possui verdadeiramente Deus, porque Deus somente é o bem da alma e, por isso, somente na posse deste bem a alma está quieta, saciada, e não busca nem pode buscar mais nada.

Existe paz e paz. A paz do mundo... Mas a paz do mundo, em última análise, é a paz já celebrada por Tácito: “Iam para o deserto e chamavam o deserto paz”: A paz da morte! A paz da vida é a posse de Deus. Uma posse de Deus por meio da qual a alma não é mais perturbada pelas coisas presentes: aconteça o que acontecer, ela não é tocada por nenhuma coisa, nenhuma coisa tem mais a capacidade de turbá-la, de causar-lhe inquietudes, de tirar-lhe certeza. Claro, também na posse de Deus a alma pode sofrer, mas uma coisa é o sofrimento e outra coisa é a paz. O sofrimento se opõe à alegria, não à paz. A alma de Jesus vivia numa imperturbável paz, mesmo na sua Paixão dolorosa, e os Santos vivem na paz mesmo se vivem na agonia.

A paz da alma que possui a Deus é uma coisa muito profunda para que a angústia possa perturbá-la. Que coisa é esta paz? Eu dizia: é o firmar-se, o estabelecer-se da alma no seu centro.

Estabelecer-se a alma no seu centro. Vós estais estáveis no vosso centro? Onde está a vossa alma? A que coisa está ligada? Onde repousa? No seu centro ou nas coisas? Se repousa nas coisas humanas, não repousa no seu centro; se busca a sua paz nas coisas, a alma não possui a paz de Deus, a paz que o mundo não pode alcançar.

Se vós buscais a vossa paz na posse da estima dos homens, quando esta estima vos falta, vós não possuireis mais a vossa paz. Se buscais a vossa paz, o vosso repouso na riqueza, esta “segurança” não é a paz de Deus: a alma não repousa no seu centro, e se lhe viessem a faltar as riquezas ficaria perturbada, não teria mais paz. É assim: as almas que repousam na riqueza e aí encontram uma certa paz, na realidade não têm repouso, mas preocupações e ansiedade, porque buscam a paz em coisas que não a podem oferecer. Se a vossa alma repousa na vida presente, na juventude, na saúde, quando a saúde estiver em perigo, quando a juventude se for, a vossa alma não possuirá mais a paz: vive na ânsia, no turbamento, na angústia.

Para que a alma se estabeleça no seu centro, é necessário que encontre o seu repouso em Deus, unicamente em Deus. E se a alma encontra em Deus o seu repouso, podem vir a faltar todas as coisas, mas nada lhe é tirado: a alma vive a mesma vida porque possui a mesma paz. Nada pode tirar a alma desta paz, porque nada pode tirar a alma de Deus.

Devemos possuir a paz na posse divina.

Esta posse nos é dada porque Deus nos ama, e, amando-nos, Ele mesmo se doa: tu o possuis na medida em que possuis a paz, na medida em que n’Ele tu repousas.

Encontra o teu repouso, busca o teu repouso! Que são as riquezas? Que coisa é a vida presente? Que coisa é a estima dos homens? Que coisa é, então, o afeto das criaturas? Que coisa todos os bens do mundo? Fumaça... São “bens” porque possuem um certo valor – não se pode desprezar nada, tudo é criado por Deus e tudo aquilo que Deus criou é bom – mas, mesmo tendo valor, são valores pequenos e não podem saciar a alma. Mesmo sem desprezar estes valores, sem renunciá-los se Deus não te pedir, não é possível encontrar o teu repouso neles: aceita-os se te os dá, mas não firmes neles o seu coração, não encontres a tua paz na sua posse para que, vindo a te faltar, a tua vida transcorra igual, calma, serena, repousada em Deus, em um Bem que não pode nunca comprometer em nada e que ninguém nunca te poderá tirar, porque ninguém pode atentar contra esta divina posse exceto a própria alma.

Que a alma possua a paz, a paz da posse de Deus! Nesta posse de Deus, nesta paz profunda, a alma é também partícipe de algum modo nos bens divinos, está associada à própria glória de Deus: um sentimento de glória a invade, que a torna de algum modo invulnerável também diante das coisas presentes.

Como, mesmo no sofrimento, a alma experimenta a proximidade divina, como vive na paz de Deus! Como, mesmo na pobreza, a alma experimenta esta divina posse! Olhai São Francisco de Assis: a sua alma encontrou a paz na posse de Deus e não pôde afastá-la. E Francisco não possui somente a paz, mas nesta paz que é o sinal de alguém que possui a Deus, ele é de algum modo participante da própria glória de Deus que o torna invulnerável a todas as penas terrestres, e mesmo na pobreza e no sofrimento ele exulta, vive a própria beatitude de Deus. A ponto de morrer, ele participa da beatitude divina e louva o Senhor pela morte como por todas as coisas belas do mundo: tudo é igual, para ele, porque ele, através de todas as coisas, vive a beatitude própria de Deus.

Este é também para nós o modo de viver a participação na Ascensão de Cristo. Como para Jesus, também para nós ascendermos ao Pai não quer dizer subtrair-nos dos homens, andar... em uma estrela: quer dizer permanecer agora não ligados a este mundo, não buscando a paz nos bens do agora. Quer dizer viver no meio dos homens, mas escondidos na luz de Deus, na posse daquela paz inefável que é o distintivo da presença de Deus na própria alma. Quer dizer viver no meio dos homens, mas viver já uma participação à beatitude própria de Deus, todo recolhido, escondido, afundado no mistério do silêncio divino. Isto, para nós, quer dizer participar do Mistério da Ascensão de Cristo.